

dorias sera yso mesmo apousemado por seu dinheiro que elle pagara a sua custa e por certidã dello lhe mãdey dar esta carta por mim asynada e aselada com o meu selo. Antonio Pãez a fez em Lixboa a xxb dias doutubro de mill b^e xxix.

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 17, fol. 120 r).

DOCUMENTO N.º 8

Dom Afonso &c A quantos esta carta virem fazemos saber que per o liuro da nossa fazenda se mostra que Joham d'Alemanha¹, ferreyro, morador em esta cidade de Lixboa, auia de teença delRei meu senhor e padre etc. en cada huñ ano no nosso thesoureiro da dita cidade cynquoenta mill libras e porque a nos praz de as ell auer de nos emquãto nossa merceer for, asy e pella maneira que as ell auia em uida do dito senhor, lhe mandamos dar esta nossa carta pera a teer pera sua guarda e pera per ella requerer en cada huñ ano outra nossa carta per que lhe taaes dinheiros sejam pagos. Porem mandamos aos ueedores da nossa fazenda e espriuaaes della que lha dem; unde all nom façades. Dada em Lixboa xxix de junho per a senhora Rainha e ifante dom P.^o—Rui Uaaz a fez era xxxix anos.

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. Affonso V, liv. 19, fol. 59 r).

Sousa VITERBO.

Archeologia Bragançana

Um castro—S. Claudio—Um millario—Uma via romana

Estamos junto do templo de S. Claudio, matriz da freguesia da antiga villa de Gostei, formada por esta povoação e pelos lugares de Fromil ou Fermil e Castanheira, que occupam terrenos proximos e confinantes do Castro de Avellãs; é de presumir, que a existirem nellas habitações, como parece, na epocha da sua grandeza ou nos tempos em que por aqui viveram os ZOELAS, fossem suas dependencias ou formassem um só povoado. A sua architectura é a mais simples que se pode imaginar, e da sua antiguidade apenas resta um arco romano que forma uma das portas. Está situado num valle na vertente oriental da serra de Nogueira, e a 5:700 metros para nascente avista-se a torre de menagem de Bragança; e para poente, subindo a encosta, a 100 metros as casas de Fromil e a 1:000 metros o seu castro ou o «tournal dos mouros», num estribo da serra que pelo seu aspecto, traçado e constituição se assemelha a outros que ha por estes sitios, como

¹ Havia um João de Allemanha, morador em Verderena, freguesia de S. Lourenço de Alhos Vedros. Querellou d'elle um sujeito d'aquella localidade. (Carta de perdão, 6 de outubro de 1439.—Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso V, liv. 19, fol. 43).

ao de Samil e Maquieiros em Gondezende, onde se encontrou uma escultura presumida pre-historica¹. As fórmas d'este castro, destacando-se no horizonte, produzem-nos uma impressão triste e melancolica, como a de presenciarmos o desaparecimento vagaroso, occultando-se á nossa vista, nas sombras da historia, os ultimos vestigios de um povo ou de uma raça ainda desconhecida. E o homem hoje não respeita estes restos consagrados pelos seculos, destruindo-os para construcção de suas mesquinhas moradas, que por sua vez hão de tambem cair na noite do esquecimento!

*

Dentro da igreja está a imagem de S. Claudio, o filho de Macelo que, com seus irmãos, padeceu martyrio em Lião em 30 de outubro do anno do Senhor de 299 imperando Dioleciano e Maximiano². Mas a tradição d'estes povos diz que foi aqui degolado junto de uma cruz que se vê a 40 metros, e como prova mostram as suas reliquias que guardam com a maior veneração na parte mais augusta do seu templo. E na verdade ha coincidencias na vida d'este santo com a historia d'estes lugares que tornam mais ou menos verosimil a tradição, como entre outras, a da existencia do famoso e antiquissimo convento beneditino do Castro de Avellãs a cuja ordem pertenceu.

Junto do côro, na parede, está a lapide de cantaria grosseira

TI. CLVDIO
CAESARI
AVG. GERMA
NICO: IMP

que um benemerito investigador de antiguidades d'estes sitios³ descobriu ha annos e publicou, e que os devotos do martyr guardam com a maior religiosidade, por conter o nome do santo e julgarem referir-se a elle.

*

No adro, murado ha pouco, encontrei encostado á parede e servindo de banco, um cippo que varias pessoas me haviam indicado, com uma

¹ Veja-se *O Arch. Port.*, v, 16.

² Veja-se *Estudo da estrada militar romana*, de José Henriques Pinheiro, pag. 99.

³ José Henriques Pinheiro, *Estudo da estrada militar romana*, pag. 4.

inscripção, que então não pude ler por estar muito apagada, mas que, depois de dar o cippo entrada no Museu e de eu ter feito nelle um serio e persistente estudo vi que contém os caracteres e os traços que, reduzidos com a maior fidelidade, reproduzo nesta copia, que é inédita:

I I I M
 CA AVG
 M V R
 MAXIMI
 ANO

e que eu reconstituo assim:

D · N · IM.
 CAE · AVG
 M · VAL.
 MAXIMI.
 ANO¹

A 1.^a letra da 1.^a linha ao que mais se parece é a D.

Na 5.^a linha antes do O está um buraco de 0,025 de profundidade e 0,04 de diametro.

O corpo das letras regula por 0,09. Altura do cippo: 1,29; diametro: 0,28.

*

Como o nome MAXIMIANO é o mais intelligivel e que não admite duvidas, a principio julguei que a inscripção tivesse alguma relação com o martyrio de S. Claudio, e comprovasse a tradição, pois

¹ A partir de Diocleciano, as palavras IMP · CAESAR vão quasi sempre precedidas ou substituidas pela formula D · N (*dominus noster*). Veja-se *Cours d'épigraphie latine* de René Cagnat, nota, pag. 212.

foi no tempo d'este imperador que o santo foi degolado; mas depois vi que era mais um marco miliario honorifico, que conjuntamente com os que descobri em Gimonde e Babe¹ (que devia estar proximo das ruinas romanas dos Babões ao fundo do valle onde estava a igreja de S. Pedro Velho e junto do Cercado) e com os encontrados no Castro de Avellãs², confirmam a passagem por estes pontos de uma via romana, que, em vista dos padrões mencionados por Contador de Argote, passava em Vinhaes, Rebordello e ia a Chaves. Não havendo a certeza de se faria ou não parte da tão procurada via militar do Itinerario de Antonino que se dirigia de Braga a Astorga, pois os marcos encontrados nada esclarecem nesse sentido³, e não se conhecem até agora outros monumentos que nos levem a essa affirmativa. Não nos podemos guiar por medições sobre a carta ou no terreno por não se saberem bem quaes eram as distancias entre as estações indicadas no referido Itinerario, e mesmo que se soubessem, como elle não seguia o caminho mais curto, antes dava muitas voltas, permite muitas supposições e combinações, se no seu traçado nos basearmos só nessas medições, e em vestigios (castros, oppidos, etc.) que se encontram com abundancia em partes diversas. E, portanto, bem pode ser que esta via e os diferentes trajectos apresentados pelos auctores que se tem dedicado ao estudo da estrada militar de Antonino, fundados na semelhança dos nomes, nas diversas distancias e variantes do Itinerario, nos padrões ou miliarios encontrados e pedaços de estrada presumida romana que ainda se vêem, fossem outros tantos ramaes ou estradas secundarias, como havia tantas e que tambem tinham marcos. Pois natural é, e signaes valiosos se encontram para isso conjecturar, que de Chaves, alem da estrada dos nossos miliarios, partissem outras⁴ sendo: uma para Villarandello a Mirandella; e outra para Val-de-Telhas, Fradizella, Torre de D. Chama, Meilhe, Rebordãos e Castro de Avellãs, que teria, talvez, em Meilhe uma derivação para se ligar com Vinhaes ou ir passar a Ouzilhão onde ha um famoso castro, dirigindo-se depois

¹ Veja-se *O Arch. Port.*, iv, 341, e v, 137. Fica assim completamente confirmado o nosso parecer indicado na *Bragança e Bemquerença*, pag. 81.

² Veja-se *Estudo da estrada militar romana*, de José Henriques Pinheiro, pag. 90 e 91.

³ É pena que o de Babe esteja tão fragmentado, porque senão ficava este assumpto liquidado; ainda assim elle dá muita luz.

⁴ E assim o entende o sabio berlinês Dr. E. Hübner pois a respeito do miliario de Gimonde disse-me: «Pertence como V. advertiu muito bem a uma das estradas de Chaves a Astorga» (*Bragança e Bemquerença*, pag. 81 ou *O Arch. Port.*, v, 137).

para Alimonde, em que se vêem muitas ruínas romanas, até ao Castro de Avellãs. As estradas modernas, hoje, vão quasi pelos mesmos pontos, por ser o seguimento natural, obedecendo ás mesmas conveniências e satisfazendo ás necessidades dos povoados mais importantes, que, em geral, estão situados nos mesmos locais ou proximos dos occupados, a avaliar pelas ruínas, pelas povoações romanas de maior consideração. É pelo menos este o meu parecer sobre este assumpto, fundado nas noticias que tenho colhido e nas minhas investigações archeologicas; e nelle ficarei emquanto senão descobrirem «monumentos que fallem»—*monumenta testantur*.

Bragança, Dezembro de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Epitaphios

II

(Observações sobre o que vem publicado em *O Archeologo Português*, vol. IV, pag. 230)

No 1.º verso a abreviatura $\overline{D\bar{O}}$ ha-de ler-se *Deo* (—), e não *Domino* (— —), como cuida o autor do artigo em que vem transcripto o epitaphio. Prova-o irrefragavelmente a metrificacção.

No verso 14 a abreviatura \overline{CLAVST} ha-de ler-se *claustra* e não *claustrum*, aliás fica o verso errado.

No verso 17 quem abriu a inscripção, pôs erradamente *denis* por *denos* que a grammatica exige.

No verso 13 falta um pé; o artifice saltou evidentemente uma palavra entre *haec* e *cumulum* ou entre *cumulum* e *caelestis*. Esta palavra havia de ter duas syllabas sendo a primeira longa, ou tres syllabas sendo as duas primeiras breves. Pode conjecturar-se que o verso completo fosse:

Iam capit haec < dignum > [ou meritum] cumulum caelestis amoris
ou:

Iam capit haec cumulum < dignum > [ou meritum] caelestis amoris.

A primeira parte do verso 19 não apresenta sentido; assim que sou levado a suspeitar que o artifice saltou um ou dois versos.

Não pode haver duvida de que no verso 12 se gravou erradamente *d̄ei* por *dei* e no 15 *precet* por *preces*.